

## PAISAGEM, CULTURA E PARTICIPAÇÃO SOCIAL

Euler Sandeville Jr. (1); Andréia Broering (2); Cecília Maria Mchado Angileli (3)

- (1) Professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo FAU USP e do Programa de Pós Graduação em Ciência Ambiental PROCAM USP e coordenador do Grupo de Pesquisa Paisagem, Cultura e Participação Social. Universidade de São Paulo, FAU, Departamento de Projetos, Brasil. [esandeville@gmail.com](mailto:esandeville@gmail.com)
- (2) Geógrafa e mestranda do PROCAM USP. Universidade de São Paulo, FAU, Lab Cidade – Espaço Público e Direito à cidade; Paisagem, Cultura e Participação Social, Brasil. [broering@usp.br](mailto:broering@usp.br)
- (3) Arquiteta Mestre e doutoranda pela FAU USP, Brasil. [cica\\_morais@yahoo.com.br](mailto:cica_morais@yahoo.com.br)

**Resumo:** Este artigo objetiva apresentar as abordagens e contribuições que o grupo de pesquisa “Paisagem, Cultura e Participação Social” (<http://espiral.net.br>) procura estabelecer em estudos interdisciplinares e participantes com população em áreas de exclusão e “fragilidade” social e áreas vizinhas a Unidades de Conservação, a partir de uma abordagem cultural da paisagem. É um dos dois grupos de pesquisa que estrutura o Laboratório Espaço Público e Direito à Cidade - Lab. Cidade (<http://labcidade.net.br>), reunindo estudantes de graduação e pesquisadores de pós-graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU USP) e Programa de Pós Graduação em Ciência Ambiental (PROCAM USP) da Universidade de São Paulo. Este trabalho foi apresentado ao I Colóquio Colóquio Ibero-americano Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto e ao 10º Encontro Nacional de Ensino de Paisagismo em Escolas de Arquitetura e Urbanismo. Apresentamos a noção proposta no Grupo de Pesquisa de paisagem como experiência compartilhada socialmente construída, reconhecendo suas tensões, contradições e dimensão política, evidenciando o drama humano que abriga em seu processo histórico, ecológico e cultural. Tal entendimento é base para estudos de paisagem que reconhecem a legitimidade das especificidades culturais e dos arranjos ou apropriações espaciais referentes a determinadas comunidades ou grupos sociais, sobretudo em condições de exclusão, alteridade e preconceito. A partir dessa conceituação, discutimos aspectos metodológicos, estratégias de atuação e resultados já alcançados no Grupo de Pesquisa.

**Palavras-chave:** paisagem, cultura, participação

### PAISAGEM: UM CAMPO DE ESTUDOS

*"A paisagem é sempre uma herança. Na verdade, ela é uma herança em todo o sentido da palavra: herança de processos fisiográficos e biológicos, e patrimônio coletivo dos povos que historicamente as herdaram como território de atuação de suas comunidades" (Aziz AB'SABER, 1977).*

Inicialmente, é necessário dizer que evitamos a qualificação da paisagem como “paisagem cultural”, entendendo que toda paisagem é cultural por definição. Nesse sentido, no nosso entendimento, a definição formal de uma “Paisagem Cultural Brasileira” (Portaria 127/2009 IPHAN), querendo referir-se ao reconhecimento de uma paisagem como “Patrimônio Cultural”, é de certo modo problemática (v. Sandeville Jr. 2004), na medida em que toda paisagem só é paisagem se é cultural. A vista da entrada e difusão dessa expressão no meio técnico-científico (embora a expressão tenha sido cunhada na geografia no século 19), preferimos relatar a abordagem do Grupo de Pesquisa como uma “abordagem cultural da paisagem”, reconhecendo assim que outros enfoques são possíveis, e deles nos valem em muitos casos.

Em sua etimologia, tanto nas línguas latinas quanto nas línguas germânicas, a palavra (*paysage*, paisagem, *paesaggio*, *landschap*, *landscape*, *landschaft*) remete a uma localidade, região ou província, derivando no francês de pais (até o século 18 e início do 19 pais é utilizado também com um sentido bastante próximo ao que damos hoje a paisagem). O sufixo *agem* teria origens distintas (Cunha 1982), derivando do latim *ago*, *aginis* “com as noções de estado,

euler sandeville jr, andrea broering, cecilia angileli . paisagem, cultura e participação social

situação, ação, ou resultado da ação”. Uma formulação correspondente (景色- *keshiki*, da união de dois *kanjis* que podem ser traduzidos como meio e cor) parece ter havido a partir do século 17 no japonês (Sandeville e Hijioka 2007). Desde o final do século 16 *landscape* é utilizada no inglês para referir-se à pintura, tendo sido introduzida a partir do holandês (*landschap*), mas seu emprego já ocorria no francês em meados daquele século. No português encontramos *paugage* (século 16) e *paisagem* em 1656 (segundo Cunha 1982). Para uma discussão mais detalhada da etimologia da palavra e do seu significado remetemos a Sandeville Jr. 1986, 1999, 2005.

A palavra paisagem, portanto, surgiu no ocidente no “Renascimento” (Polletti 1999, Luchiarri 2001; Berque, 2000, indica um equivalente no chinês no século 5), o que traz implicações interessantes a seu estudo. Cosgrove (1998) destaca que nesse período de formação da palavra a pintura das paisagens aparece pela primeira vez na Europa como uma expressão popular, acompanhada por uma arte florescente de incluir a paisagem na poesia, representação teatral, jardins e na concepção de parques. A formação e uso da palavra paisagem no século 16 indica um novo olhar que se formava sobre um mundo em contínua expansão (Sandeville 2005), que desafiava os saberes existentes à constituição de um novo enquadramento do homem (ou dos homens) no cosmo. Seu emprego para designar um gênero nascente de pintura trouxe gradualmente uma perda, no senso comum, que se aprofunda a partir do advento da fotografia, do campo etimológico que lhe deu origem e do contexto em que a palavra foi posta em circulação. No entanto, podemos falar também de uma resignificação contemporânea da palavra (Luchiarri, 2001).

Talvez tenha sido a geografia a disciplina que primeiro adotou a paisagem (para Claval 2004 até meados do século 18 a descrição das paisagens pelos geógrafos não encontrava ainda uma terminologia suficiente) como uma categoria fundante dos estudos. Em Humboldt a encontramos como uma categoria dinâmica, plena de significação e para cuja descrição trazia a arte ainda uma contribuição essencial (Sandeville Jr. 2008), muito presa à vivência. Não por acaso, embora não se possa desconsiderar razões de ordem geopolítica e não apenas científicas, foi esse cientista o responsável, ou pelo menos um incentivador, de inúmeras viagens de artistas ao redor do mundo, em especial pela América do Sul. Na arte, com o pitoresco no século 18, e ainda com Humboldt, a paisagem não é técnica, é sensível, envolvente, mobilizadora de sentimentos e base para a observação do real.

Apesar da etimologia da palavra paisagem (pelo sufixo *agem*) já nos apontar ação, processo, dinâmica, o senso comum da palavra gradualmente vai sendo capturado pelo registro de uma cena, de um panorama contemplado à distância (Coimbra, 1985, apresenta uma interessante discussão dessas palavras - paisagem, panorama e outras -, que primeiro nos serviu de base para a reflexão sobre a significação da paisagem). No entanto, a paisagem acabou sendo muito definida pelo registro visual através da pintura ou depois da fotografia, como uma vista que se contempla a distância, como um quadro (pinturesco).

Um movimento que pode ser observado também na cartografia, quando as vistas oblíquas vão cedendo gradualmente até o século 18 a uma representação técnica ortogonal voltada para a gestão do território (Sandeville Jr. e Derntl 2007). A geografia física, adotando esse ponto de vista de uma projeção vertical e a grande distância, pode a partir daí conceber a paisagem como um arranjo de padrões representados cartograficamente. Também a biogeografia ou fitogeografia, a ecologia da paisagem, a arquitetura e urbanismo, lançam mão de procedimentos semelhantes para estabelecer tipos homogêneos de paisagem, em uma escala territorial.

É exatamente a nascente geografia cultural que propõe gradualmente uma crítica a essa visão do geógrafo distanciado da paisagem, reduzindo-a a sua representação cartográfica. Autores como Friedrich Ratzel, Otto Schlüter (*kulturlandschaft*) e Carl Sauer, a partir de fins do século 19 e no século 20 reconhecem o papel fundamental da vivência e da cultura no estudo da paisagem. Claval (2007) descreve de modo muito didático a formação desse conceito e suas implicações até uma aproximação mais nítida da fenomenologia já no final do século 20. Não podemos deixar de considerar que o trânsito entre as áreas de conhecimento em oposição à visão positivista do século 19 se faz notar em diversas disciplinas, como nas aproximações da história com a geografia com Lucien Febvre e Fernand Braudel (Le Goff, 2001). Certamente,

euler sandeville jr, andrea broering, cecilia angileli . paisagem, cultura e participação social

também o conceito de quadro de vida de Vidal de La Blache trouxe muitas contribuições às ciências humanas, embora relativamente abandonado hoje. De qualquer modo, a partir da segunda metade do século 20, o existencialismo e uma valorização da experiência, da cultura como uma construção social coletiva, o descrédito na racionalidade instrumental moderna, vão impactar diversas áreas do conhecimento. Impacto inclusive na arquitetura e urbanismo, que nos anos 50 e 60 aproxima-se de projetos participativos e de valorização de culturas locais em oposição ao universalismo modernista e dá atenção crescente aos estudos de percepção do espaço arquitetônico e urbano, resgatando autores do século 19 como Camillo Sitte e Ebenezer Howard. A adoção de uma abordagem cultural da paisagem, como se vê, é preparada em diversas áreas da cultura contemporânea e adquire importância crescente a partir da década de 80 com a retomada do conceito geográfico de paisagem cultural, mas agora sob forte influência da fenomenologia, da antropologia e das ciências sociais, quando as questões ambientais e locais também ganham maior evidência nas ciências sociais (Bourdin, 2001).

Conjugar as temporalidades humanas, sociais, com os fluxos de uma natureza cada vez mais artificializada, torna-se um desafio gigantesco. Essas separações de fato não existem no mundo, são construídas através da linguagem e hoje apresentam uma série de características contraditórias difíceis de discutir desconsiderando a interdisciplinaridade que existe entre elas. Cosgrove (1998) diferencia a aplicação do termo paisagem de outros como lugar, espaço ou meio, quando diz que a paisagem está em toda parte, que é uma fonte constante de beleza e feiura, de acertos e erros, de alegria e sofrimento, tanto quanto é de ganho e perda. Essa polaridade é permeada de aspectos culturais e simbólicos da sociedade que desenha e deixa-se desenhar pela paisagem. A distinção entre paisagem física ou natural, cultural e subjetiva revela-se desse modo artificial e pouco útil, constituindo um objeto ou campo de estudos necessariamente relacional, e portanto, interdisciplinar.

Para efeito didático, vamos propor ampliar esse entendimento da paisagem através de um pequeno, mas essencial deslocamento. O lugar comum da paisagem reside em ser observada como um ponto de vista privilegiado, representando matematicamente o acontecimento entre o observador e seu horizonte visual. O que ocorreria se, ao invés dessa observação à distância, seja na observação panorâmica, seja na cartografia, o observador se tornasse sensível para perceber o espaço vivido como paisagem? Esse espaço não pode ser apreendido ou representado pelas formas cartográficas e perspectivas. É um espaço inclusivo, onde se é parte da paisagem. Em lugar da representação racional da perspectiva e da cartografia, que têm sua utilidade sem dúvida, surge uma paisagem impregnada de humanidade e natureza, surge uma paisagem como representação do mundo em que existimos. Esse nível de significação de forma alguma está ausente do olhar ou a descrição formal, mas abandona a impossível separação entre o que observa (o corpo no espaço vivido) e o observado (o espaço), reconhecendo-se ambos em interdependência e interação.

Do que está longe e objeto contemplado, a paisagem torna-se assim inserção no mundo, espaço vivido e valorizado. O observador-sujeito distanciado e desapassionado torna-se vivente, em interação complexa e afetiva com a paisagem. Paisagem torna-se portanto subjetividade, não mais a do ponto de vista individual (cada um vê o que quer), torna-se complexa, decorrente da intersubjetividade, da experiência, da existência. Torna-se interatividade, ou como quer Berque (2000), "trajetividade". Torna-se experiência de vida: experiência partilhada.

Porém, esse deslocamento não está completo, na medida em que ainda o tratamos como um corte momentâneo da experiência, marcado pela inserção momentânea do observador (vivente) na paisagem. Mas as coisas não se dão assim. A existência é sempre uma existência no tempo, ou melhor ainda, é tempo. À cena estática da paisagem como ponto de vista fixo (na perspectiva), ou uma distância aérea em que tudo se representa ao mesmo tempo e igualmente (na cartografia), reconhecer que a paisagem é existência é reconhecer que não pode ser um corte abrupto, momentâneo, uma ordem ou padrão que se estabelece.

Paisagem é tempo, assim, qualquer discussão de paisagem torna-se discussão do mundo e não apenas sua descrição ou catalogação, sua fixação, mas sim uma discussão e compreensão da cultura, das ações sociais (tal como Milton Santos as propõe no espaço), dos processos

euler sandeville jr, andrea broering, cecilia angileli . paisagem, cultura e participação social

naturais, dos valores, dos desejos, das heranças, das possibilidades. A paisagem, como existência e experiência, é de natureza temporal, dinâmica, relacional, de síntese. Sensível, portanto, daí o grande interesse e fundo ético, estético e poético que as apreciações e debates sobre paisagens mobilizam.

Pensar e experienciar a paisagem é vivenciar e pensar o mundo, a cultura, os valores. É reconhecer que existimos em sínteses contraditórias e complexas de trabalhos que nos precederam e continuam operando para além do nosso, como em nós também operam forças contraditórias e complexas. Processos que são tanto de reconstrução quanto são de desconstrução, de identificação quanto são de alteridade, estruturas e acasos, que são por isso mesmo possibilidades. Paisagens são, nesse sentido, heranças, sempre inconclusas e em operação.

Tais questionamentos podem ser obtidos na experimentação ativa e crítica dessa mesma experiência, por um estudioso atento. O problema que se coloca, entretanto, é como lidar com essa complexidade em um campo contraditório que inclui a própria construção do saber. É como, sem cair no enrijecimento do método que caracteriza a ciência normal (Popper 2003, Kuhn 2006), estabelecer percursos metodológicos consistentes. Nesse sentido, o campo disciplinar que a mais tempo tem enfrentado essas dificuldades da inserção ativa do pesquisador no campo é a antropologia. Ao menos desde Franz Boas e Bronislaw Malinovski essas questões têm sido confrontadas e desenvolvidas, inclusive renovando o objeto disciplinar, que passa a ocupar-se da cidade urbano-industrial e do consumo, das diversas formas de sociabilidade e práticas urbanas, com evidente contribuição aos métodos de trabalho.

Não seriam portanto esses fluxos, tanto do domínio técnico quanto da discussão da cultura, um pensar o nosso papel na sociedade contemporânea? Cumpre perguntar: qual a natureza dessa herança e das possibilidades que queremos ver? Qual o papel do projeto na transformação da paisagem, no desenho de novas possibilidades que se inserem em uma teia de tamanha complexidade? Quais seus limites e suas contradições? Quais suas possibilidades? Sobre qual cidade vamos nos debruçar? Sobre quais mundos imaginamos trabalhar? Qual contribuição devemos buscar nos próximos dias, que representem um crescimento real nosso diante da cidade que imaginamos poder desenhar?

A pergunta inicial - o que é paisagem? - poderia sugerir a possibilidade de alguma resposta cabal. O percurso aqui realizado, entretanto, indica a impossibilidade de uma definição, inclusive porque, ao contrário do que se pretende com os conceitos, mobiliza um campo poético inalienável do que seja a paisagem. A busca dessa pergunta não se realiza por uma definição, mas pela perspectiva de estabelecer uma discussão válida da produção social do espaço, da cultura, da sensibilidade, dos processos naturais transformados pelo homem.

A paisagem é um espaço de realização simbólica dos tempos em que nos conhecemos no mundo, da nossa sabedoria e da nossa demência como observa Edgar Morin, e portanto uma realidade afetiva (Morin 2005, Gorz 2008). A partir deste entendimento de paisagem e das dificuldades metodológicas suscitadas, nosso grupo de pesquisa "Paisagem, Cultura e Participação Social" buscou avançar em suas investigações. Desvelar assim nas paisagens sentidos existenciais, interfaces, abordagens que exigem a construção do método e dos procedimentos diante do campo para dar conta dessa compreensão mais aprofundada e comprometida com a paisagem, e poder confrontar e aprofundar o campo teórico sugerido. É uma opção metodológica, mas também política, construir o conhecimento atuando entre fronteiras do conhecimento acadêmico, técnico e popular, deparando-se com seus limites e propondo alternativas de transformação que no horizonte é paradigmática.

## 1. A PROPOSTA DO GRUPO DE ESTUDOS

Com base nesse entendimento, que amadurece continuamente no processo de pesquisa, a partir de 2003 constituiu-se o Grupo de Pesquisa "Paisagem, Cultura e Participação Social" (inicialmente com outra denominação). Sua constituição decorreu da proposição da Espiral da Sensibilidade e do Conhecimento (Sandeville Jr., 2003, 2008), e da proposição do entendimento

euler sandeville jr, andrea broering, cecilia angileli . paisagem, cultura e participação social

da paisagem como **experiência partilhada social, cultural e existencialmente e, portanto, uma herança e um patrimônio coletivo que vamos transformando com nossas ações** (Sandeville Jr., 1986, 1999, 2004, 2005, que forneceram a base deste trabalho). Tem como objetivo congrega pesquisadores de pós-graduação e de graduação que se identificam com a dimensão humanista desses estudos, com o desafio de testar e aprofundar os conceitos e os métodos de trabalho, tendo como horizonte necessário a função social da pesquisa e da Universidade diante de uma realidade extremamente desigual, na qual produzimos um conhecimento que não deve se propor como um fosso marcando distâncias, mas como uma construção partilhada de conhecimentos e articulada na discussão do projeto de ensino.

Tal abordagem procurava uma via distinta dos estudos que entendem a paisagem como visualidade e forma, muitas vezes esvaziando-a de sua dimensão sociocultural e política. Apesar de assumir contribuições das abordagens sistêmicas e morfológicas, constituiu-se principalmente a partir de uma base empírica de observação e vivência em estudos de campo realizados pelo professor Euler Sandeville entre 1985 e 2002, com aportes metodológicos e conceituais trazidos de diferentes áreas disciplinares e das artes, procurando construir um entendimento sobre a produção social do espaço, sua percepção, a subjetividade e atribuição de valores. Contribuíram na fase anterior à constituição do grupo, entre outros autores, Rapoport 1978; Coimbra 1985; Caldeira, 1984; C. N. Santos 1985; Machado, 1988; M. Santos 1985; Tuan 1980, 1983; Candido 1987; Read 1981; Leite 1992; Bosi 1987. Posteriormente, incluíram-se como leituras de referência para fundamentação dos trabalhos Santos 2006, Lefebvre 2001, Geertz 1978, 2004, Menezes 2002, Claval 2007, Berque 2004, Critelli 2006, Freire 2005, Morin 1997; Morin 2005, Gorz 2008, Villaça 2001, entre outros citados nos trabalhos e publicações já realizados, e trazidas também pelos pesquisadores de pós-graduação a partir de suas indagações. O aprofundamento das referências estruturantes dos trabalhos do grupo de pesquisa tem se dado sobretudo a partir de contribuições da geografia cultural e da antropologia, com forte inspiração da pedagogia libertária, sendo esses dois últimos tópicos o foco atual dos grupos de estudo que estamos organizando.

A abordagem interdisciplinar é reforçada pela seleção de pesquisadores advindos até o momento da arquitetura e do urbanismo, pedagogia, direito, geografia, agronomia, turismo, biologia, ciências sociais, a partir de um entendimento da paisagem como indicado neste artigo. O Grupo de Pesquisa envolveu diretamente em suas atividades pesquisadores de iniciação científica (2 concluídas), mestrado (8 concluídos e 3 em curso) e doutorado (2 em curso), estudantes e profissionais com bolsas em projetos de pesquisa e extensão (5, em dois projetos em curso). Além dessas pesquisas, desenvolve sistematicamente disciplinas experimentais a partir de 2002 (embora experimentações anteriores tenham sido realizadas pelo docente em outras universidades) com processos criativos e colaborativos na graduação e pós-graduação (16 disciplinas) e diversas oficinas, muitos dos quais propostos com parceiros externos à Universidade, estabelecendo uma rede de troca de experiências e avanços metodológicos convergindo com o referencial teórico de paisagem adotado.

Para efeitos de organização, reconhecemos duas fases no Grupo, uma primeira (2003-2009), onde objetivo central foi desenvolver métodos de estudo a partir da experiência partilhada com moradores e agentes sociais, e uma segunda (2008-em curso) onde os trabalhos vão sendo direcionados para uma capacidade de ação participante como construção do conhecimento.

Até 2008, nos pareceu fundamental consolidar os avanços nos aspectos de método decorrentes da proposição assumida, pensando e posicionando com o Grupo de Pesquisa, a partir dos estudos em andamento, tensões conceituais entre estrutura e cotidiano, entre produção social do espaço e cultura, entre vivência e conhecimento, entre ação e valoração, bem como aspectos operacionais da inserção dos pesquisadores em campo como um sujeito entre outros.

Tal abordagem nos colocou como desafios metodológicos a sistematização dos procedimentos de campo para dar conta dessa forma de interpretação a partir da imersão e vivência do pesquisador com comunidades e suas formas de valorar, preservar, transformar as paisagens. Como procedimentos nos apropriamos de metodologias qualitativas, incluindo principalmente a narrativa de vida, vivência no campo, a observação participante, oficinas e grupos focais.

euler sandeville jr, andrea broering, cecilia angileli . paisagem, cultura e participação social

Internamente realizamos grupos de discussão, seminários de pesquisa e grupos de estudo, que tiveram importância fundamental na constituição dos primeiros trabalhos de pesquisa. Após um período de dificuldades operacionais, atualmente procura-se dar um novo formato a essas dinâmicas internas no grupo.

Considerando-se que os trabalhos concluídos nessa fase e a produção do grupo em publicações, bem como em diversas atividades de ensino conjugadas à extensão, formavam uma base consistente e coerente para estabelecer as bases para os estudos de paisagem partilhados com os seus habitantes, cumpria aprofundar as consequências e enfrentar novos desafios de construção do conhecimento. Não se trata de abandonar aquelas abordagens, que continuam a ser desenvolvidas no grupo, visando sua consolidação, mas de, a partir delas, indagar das possibilidades de construção de conhecimento partilhado com outros parceiros externos à academia e atuante na transformação da qualidade ambiental e paisagística.

Para esse fim, a partir de 2008 adotou-se gradualmente a problemática da aprendizagem colaborativa e libertária a partir de uma série de experiências acadêmicas nas pesquisas e atividades de ensino/extensão, mas também em atividades extra-acadêmicas com coletivos de arte e processos de percepção e criação coletiva, como uma questão central na discussão da paisagem e de sua transformação. O desafio teórico e metodológico principal colocado nessa fase é desenvolver de modo exploratório a fundamentação das pesquisas na ação transformadora e participante em processos e ações colaborativos com a população, reconhecendo suas dimensões perceptivas e cognitivas, e elaborando processos participantes de gestão do espaço, criação artística e educação popular. Para tanto, a educação foi proposta como um tema central (Sandeville Jr. 2003, 2007a, 2007b, 2007c, 2010). Na medida do possível e do interesse dos pesquisadores, os trabalhos em curso foram redirecionados ou já concebidos nessa direção, e atividades de ensino e extensão estão em curso, incluindo parcerias com diversas instituições e comunidades.

Inserem-se nessa linha os trabalhos já concluídos de Angileli (Sandeville e Machado 2005, Angileli 2007, desenvolvido com moradores da V. Brasilândia, Cantareira, SP), Suguimoto (Suguimoto 2007), desenvolvido em Salto e Barra Bonita no Médio Tietê, com desdobramentos em Sandeville e Suguimoto 2008, 2010), Silveira (2008, desenvolvido com moradores em comunidade rural na Zona da Mata, MG), Vieira (Sandeville e Vieira 2007, Vieira 2008, desenvolvido com moradores nos sertões de Ubatuba), Moreno (2009, Moreno e Sandeville 2007, desenvolvido com comunidades quilombolas do Vale do Ribeira, SP), Soares (2010, desenvolvido com lideranças do Heliópolis em SP), Radoll (2010, desenvolvido com moradores no Embu, SP visando o planejamento de espaços livres) e os trabalhos em curso de Andréia Broering (estuda com moradores no entorno de RPPN em Santa Catarina instrumentos e estratégias para gestão comunitária da paisagem), Sílvia Valentini (estuda a percepção e apropriação que as pessoas cegas têm da paisagem) e Maria Cecília Angileli (estuda com moradores na V. Brasilândia, na Cantareira, em São Paulo sistemas de informação populares sobre a paisagem e suas transformações).

Simultaneamente foram desenvolvidos estudos fundados em abordagens sistêmicas e métodos de planejamento da paisagem, visando especular sobre as diversas escalas de compreensão da paisagem e dos métodos mais convenientes a cada escala. Inserem-se nessa linha os trabalhos de Paiva (2007, em São Sebastião, SP), Rüsche (2005, em Jundiaí, SP), Bernardi (2008 em Montevideo, Uruguai), Radoll (2010, que integra as duas abordagens indicadas acima em Embu das Artes, SP) com foco em abordagens sistêmicas derivadas do Planejamento da Paisagem e da Ecologia da Paisagem, que visam determinar potencialidades de paisagem e condicionantes para sua gestão.

Em um primeiro momento a diversidade de situações e localidades revelou-se enriquecedora para o grupo, e correspondia aos interesses de pesquisa dos pesquisadores que nos procuravam, embora as temáticas fossem decididas conjuntamente para priorizar uma relação já existente com o campo. O conjunto de resultados obtidos, e dificuldades nos campos mais distantes, sugeria uma nova abordagem. Assumiu-se, a partir de 2009, a Região Metropolitana de São Paulo como área principal de referência, a fim de possibilitar uma melhor correlação dos

euler sandeville jr, andrea broering, cecilia angileli . paisagem, cultura e participação social

aspectos da estruturação social do espaço com a abordagem cultural da paisagem, a comparação entre os estudos, e sua articulação em redes sociais. Algumas das novas pesquisas em curso (2), ou projetos que estão sendo elaborados (3), já inserem-se nessa perspectiva, propondo-se uma outra dinâmica de organização do grupo, que está em construção.

Na busca de interpretar as paisagens sob o aspecto da cultura e da produção social do espaço valorizamos as experiências anteriores dos pesquisadores e principalmente buscamos a vivência no campo. Sempre que possível, tal convergência se dá no ingresso do pesquisador no grupo, aproveitando sua experiência anterior, frequentemente base de sua motivação para se aproximar dessa orientação. A proposição teórica sobre paisagem desafiou os pesquisadores a uma capacidade de interpretá-las enraizadas em sua experiência de campo, assumindo-se que cada pesquisa explora diferentes abordagens de aproximação da realidade, com a finalidade de desenvolver a base metodológica da proposição teórica sobre paisagem. Assim, o campo é ativo na construção do conhecimento, pois na interação com as pessoas que o constroem é que se desvelam significados mais plenos e intensos para o pesquisador.

Nesse processo os conceitos adquiridos transformam-se em novos entendimentos. Vivencia-se a paisagem para então pensá-la. O que significa que a paisagem não é traduzida tão somente por um campo valorativo construído alhures e a priori. Cada paisagem como espaço social, como espaço vital e existencial, é plena de significados e valores que seus arranjos abrigam, de relações, memórias, afetividades, conflitos, contradições que lhe são próprias. Cabe a nós suspendermos inicialmente o juízo, no sentido de ouvirmos e aprendermos no diálogo com o outro.

Reconhecer que a paisagem apresenta experiências conflitantes ao se explorar e investigar seus significados exige também do pesquisador atentar para a dimensão multidisciplinar e para a demanda complexa que a paisagem traz. Nesse sentido, o grupo evita abordagens baseadas exclusivamente em *checklists*, pesquisas opinião, sistemas classificatórios ou roteiros de investigação fechados, tanto quanto processos analíticos de decomposição e reconstrução de “todos” coerentes a partir de elementos, classificações e tipificações, por entender que impossibilitam, se considerados apenas em si mesmos, o desvelar das particularidades de cada paisagem. Incorpora-se aqui, como contribuição essencial, a sensibilidade e motivação do pesquisador para com seu caso de estudo, na medida do possível através da imersão no campo, em busca por uma perspectiva dialógica com a paisagem, com quem a vivencia cotidianamente.

Neste sentido o método permanece aberto, em contínua construção, na qual se encontram e refinam os objetivos e a estruturação dos trabalhos no processo e na colaboração com protagonistas locais. A relação entre pesquisador e comunidade estudada se dá de forma criativa e propositiva do método, contribuindo para um amadurecimento do campo e do compromisso social que a pesquisa deve assumir. Quando falamos em objeto e sujeitos de pesquisa, é necessário que se entenda, trata-se de viventes partilhando não sem conflitos o lugar, vivo e vivenciado, que ao desvendar-se pelo trabalho proposto e pela sensibilidade inerente a essa aproximação, assumida como relevante ao conhecimento, é transformador, atua efetivamente sobre o pesquisador. O conhecimento não estaria na descrição ou explicação do mundo por um método e um corpo teórico, mas na interface que ao se estabelecer constrói o método, e o faz na transformação do pesquisador. Isso não quer dizer que não lancemos mão de outros procedimentos mais fechados, mas isso é feito de modo circunstanciado e relativizado e não é a base da investigação que procura ser o máximo possível dialógica. O que não quer dizer que já tenhamos “dominado” um tal programa de trabalho, pois estamos em contínuo processo de aprendizagem e de repensar e aprofundar procedimentos e sua fundamentação.

O primeiro desafio foi encontrar um quadro teórico que permitisse confrontar ou fortalecer essa proposição. Foi identificada forte correspondência na Geografia Cultural, que a partir das últimas décadas do século passado revela contribuições da antropologia e da fenomenologia. No entanto, geralmente os procedimentos de pesquisa não eram enfrentados nos autores acessados, que se ocupavam de uma postulação de matiz teórico, deixando um enorme campo

euler sandeville jr, andrea broering, cecilia angileli . paisagem, cultura e participação social

experimental a ser percorrido e construído conjuntamente nos trabalhos com essa orientação no Grupo de Pesquisa.

Por essa razão fomos buscar apoio na antropologia (Geertz 1978, 2004, 2005), visando solidificar os procedimentos que empiricamente já adotávamos. Essa visita à antropologia mostrou-se profícua e sentimos necessidade de aprofundá-la na fase atual. Os procedimentos de observação participante, vivência no campo, história de vida, mapeamentos e cartografias sensíveis e cognitivas, estudos de percepção e representação da paisagem, grupos focais e um conjunto de procedimentos qualitativos, nos permitiram uma aproximação da realidade em operação com o outro, ouvindo e sentindo a paisagem com quem a produz e habita cotidianamente.

A partir de ensaios iniciais em que se adotava um recorte territorial, os estudos do grupo convergiram para uma preocupação de caráter crítico-vivencial, realizando o pensamento sobre a base empírica através de processos de orientação e pesquisa teórica em um contínuo, em uma reconstrução permanente. À luz dos métodos qualitativos somados à bagagem anterior do pesquisador e sua motivação, e à interiorização do conceito de paisagem, é que se desenha o método propriamente dito de cada trabalho. Mas isso também se deu de forma coletiva. Isto porque os pesquisadores reconstruíam continuamente seu conhecimento do campo na forma de seminários internos e inclusive orientações coletivas (além daquelas individualizadas), seguidos de novo campo experimental para retomada e ou solidificação da rede de interlocutores. Idealmente, os interlocutores, ou protagonistas dessas paisagens como também os referimos, juntamente com o pesquisador, desenham os procedimentos a serem seguidos, o que foi conseguido de modo mais efetivo em alguns dos trabalhos. Assim, retorna-se essa experiência ao Grupo de Pesquisa nos encontros e seminários, trazendo as impressões e aceitação do pesquisador no campo, revendo suas posturas, trocando experiências com outros pesquisadores que já passaram e ou se encontram na mesma fase de suas pesquisas.

O desafio de construir um conjunto de procedimentos coerentes beneficiou-se de contribuições de campos disciplinares diversos, e foi enfrentado a partir da construção do campo em cada pesquisa, fortemente marcado pela observação participante. Foram adotados nesses campos uma série de cuidados e procedimentos do pesquisador durante os trabalhos de imersão e partilha de experiências com os protagonistas das pesquisas. Inúmeros procedimentos foram sendo agregados ou desenvolvidos, com forte ênfase nas narrativas de vida (Bosi 1987, Meihy 2005) e oficinas temáticas, incorporando a formação do pesquisador às questões sugeridas pelo campo, sempre buscando sua fundamentação cuidadosa. Dada à natureza das pesquisas, diversas dinâmicas de trabalho em conjunto com segmentos da população foram desenvolvidas na forma de oficinas, sempre buscando alternativas à voga de questionários estruturados como resposta fundadora em abordagens qualitativas (com sua recorrente redução a tabulações quantitativas), o que nos parecia um contra-senso corrente, exceto quando o procedimento vem muito adequadamente circunstanciado e delimitado em relação ao que se pretende. Em alguns casos, por dificuldades específicas, foram utilizados procedimentos que poderiam afastar-se um pouco das postulações apresentadas acima, tais como emprego de questionários estruturados em certas situações e da análise categorial (Bardin 1995), mas ocorreram sempre vinculados ao contato direto com a população e como complementares à imersão no campo.

No entanto, é preciso reforçar que não se trata da vinculação a esta ou aquela escola de pensamento (ou área de conhecimento), mas de modo coerente com a base epistemológica adotada, os procedimentos são experimentalmente construídos na investigação do problema, na construção de um método que se dá no contato com o campo. Claro que a formação, maturidade e experiência de cada pesquisador, inclusive acontecimentos inesperados próprios da vida, colocam limites, abrem possibilidades, estabelecem preferências, que definem a riqueza própria e o alcance de cada trabalho. Em 2009, com um conjunto de trabalhos concluídos, iniciamos um processo de reflexão sobre essa produção, suas dificuldades, descaminhos no percurso, contribuições para o grupo. Devemos reconhecer que está tudo por se aprender nesse sentido, que apenas demos passos iniciais e que ainda somos capazes apenas de começar a pensá-los.

euler sandeville jr, andrea broering, cecilia angileli . paisagem, cultura e participação social

Simultaneamente, atividades que podem ser ditas de ensino-extensão foram desenvolvidas no âmbito de experiências pedagógicas que envolvem parceiros externos à Universidade em sua constituição. Essas atividades tiveram um papel fundamental no processo de formulação e posicionamento do grupo, caminhando para experiências em certo sentido cada vez mais arrojadas em seu alcance didático-pedagógico e na relação entre Universidade e comunidade. Destacamos a título de exemplo, os trabalhos realizados entre 2005 e 2007 no Aricanduva e no Pirajussara em São Paulo e em Atibaia e trabalhos extra-acadêmicos com coletivos em 2008. A partir de 2009 estas experimentações passaram a ser desenvolvidas também em parceria com os pesquisadores, aproveitando sua inserção no campo e questões emergentes dessa vivência, basicamente no Heliópolis e na Brasilândia (esta em curso). Importante também foi a participação em outros projetos e grupos de pesquisa interdisciplinares na Universidade, em programas realizados com parceiros externos, em especial em municípios da região metropolitana no Taboão, Embu, Itapeverica, São Paulo, desenvolvidos em equipes que integram docentes de diversas unidades da USP. Estas linhas de atividades têm permitido aprofundar também o alcance da discussão sobre o ensino e ampara um entendimento mais radical das possibilidades da instituição pública (Sandeville Jr. 2007, 2010), bem como contribuem para a nova estruturação que o grupo começa a assumir.

Entendemos que os resultados na construção de um quadro referencial não são definitivos nem exaustivos, nem o poderiam ser, mas permitem circunscrever com certa segurança esse campo. Devemos reconhecer que, apenas visto à distância percorrida, esse transcurso vai se tornando coeso. O que nos parece natural, a um projeto indagativo que se pretende experimental e construído no próprio processo. Como nas pesquisas individuais que revelam dúvidas, superações, estagnações, retomadas, o percurso do grupo e do docente também vai se construindo de modo tentativo e não linear, mas que permite perceber determinadas características que foram estruturadoras de uma proposta, ainda que sua expressão se renove e reproponha sucessivamente. No que se refere aos procedimentos, logrou-se desenvolver, fundamentar e experimentar um conjunto de estratégias que revelaram coerência com os pressupostos teóricos e entendemos que representam uma experiência acumulada que contribui para o desejado avanço do grupo de pesquisa na direção de projetos participantes.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AB'SABER, Aziz Nacib. Potencialidades paisagísticas brasileiras. Boletim Geomorfologia, São Paulo: Inst. de Geografia da USP, no 55, 1977.

ANGILELI, Cecília Machado. Paisagens Reveladas no Cotidiano da periferia. Distrito de Brasilândia, Zona Norte do Município de São Paulo. São Paulo: Dissertação de Mestrado, FAU USP, 2007

BARDIN, Laurence. Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1995

BERQUE, Augustin. Paisagem-Marca, Paisagem- Matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: Corrêa, Roberto Lobato e Rosedahl, Zeny (org.). Paisagem tempo e cultura. 2 ed. Rio de Janeiro: Eduerj, 2004.

\_\_\_\_\_. La trajectivité des formes urbaines. In SALGUEIRO, Heliana Angotti. Paisagem e arte: a invenção da natureza, a evolução do olhar. São Paulo: I Colóquio Internacional de História da Arte, 2000, PG. 41-47

BERNARDI, Lucia. Aporte das áreas verdes à conservação da natureza em Parque Natural Municipal, Montevideu, Uruguai . São Paulo: Dissertação de Mestrado, FAU USP, 2007

BOSI, E. Memória e Sociedade. Lembranças de Velhos (1973). São Paulo: EDUSP, 1987, 2ª ed.

BOURDIN, Alain. A questão local. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

euler sandeville jr, andrea broering, cecilia angileli . paisagem, cultura e participação social

CALDEIRA, Teresa P.R. A Política dos Outros - O Cotidiano dos Moradores da Periferia e o que pensam do poder e dos poderosos. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984

CANDIDO, Antonio. Parceiros do Rio Bonito. Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. São Paulo: Duas Cidades, 1987.

CLAVAL, Paul. A paisagem dos geógrafos. In Paisagens, textos, identidades. Org. Correa, R. L. e Rosendahl, Z. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

\_\_\_\_\_. A Geografia cultural. Tradução Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. Florianópolis: Editora da UFSC, 2007

COIMBRA, J. A. A. O Outro Lado do Meio Ambiente. São Paulo: Cetesb, 1985.

CRITELLI, Dulce Mára. Analítica do sentido. Uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica. São Paulo: EDUC, Brasiliense, 2006, 2a. ed.

CUNHA, A. G. de. Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa. 2a. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

\_\_\_\_\_. O saber Local. Petrópolis: Vozes: 2004 7 ed.

\_\_\_\_\_. Obras e vidas: O antropólogo como autor.1926. trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

GORZ, André. Carta a D. História de um amor. Tradução Celso Azzam Jr., Posfácio Josué Pereira da Silva. São Paulo: Annablume: Cosac Naify, 2008

KUHN, Thomas. A estrutura das revoluções científicas. Trad.: Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. São Paulo: Perspectiva, 2006.

LEFEBVRE, Henry. O Direito à cidade. Trad. Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.

LE GOFF, Jacques. A História nova. São Paulo: Martins Fontes, 2001

LEITE, Dante Moreira. O caráter nacional. história de uma ideologia. São Paulo: Ed. Ática 1992

LUCHIARI, Maria Tereza Duarte Paes. A (re)significação da paisagem no período contemporâneo. In Paisagem, imaginário e espaço. Org. Zeny Rosendahl e Roberto Lobato Corrêa. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

MACHADO, Lucy Marion Calderini Philadelpho. A Serra do Mar paulista: um estudo de paisagem valorizada. Rio Claro: Tese de Doutorado, Instituto de Geociências da UNESP, 1988

MENEZES, Ulpiano Bezerra de. A paisagem como fato cultural. in YÁZIGI, Eduardo (org.). Turismo e Paisagem. São Paulo: Contexto, 2002, pg. 65 a 82

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Manual de História Oral. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MORENO, Juliana. Temporalidades da Paisagem: uma análise das temporalidades que emergem no espaço de vida da comunidade quilombola Pedro Cubas, Vale do Ribeira, SP . São Paulo: Dissertação de Mestrado, PROCAM USP, 2009

\_\_\_\_\_; SANDEVILLE JR., Euler . Território e barragem: as lutas nas comunidades quilombolas do Vale do Ribeira. In: Caderno de Resumos Seminário Internacional Governança da Água na América Latina - I Encontro Internacional.. São Paulo, 2007.

euler sandeville jr, andrea broering, cecilia angileli . paisagem, cultura e participação social

MORIN, Edgar. O método. 1. A natureza da Natureza. Trad.: Maria Gabriela de Bragança. Portugal: Edições Europa-América, 1997.

\_\_\_\_\_. Amor, poesia, sabedoria. Tradução Edgar de Assis carvalho, 7a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

PAIVA, Ana Paula. Urbanização e Impactos na Paisagem Litorânea: Um Estudo de caso com a População no Município de São Sebastião . São Paulo: Dissertação de Mestrado, FAU USP, 2007

POLETTE, Marcus. Paisagem: uma reflexão sobre um amplo conceito. *In Turismo - Visão e Ação* ano 2, n 3, p. 83-94, abr/set 1999.

POPPER, Karl R. Conjecturas e refutações. Trad.: Benedita Bettencourt. Coimbra: Almedina, 2003

RADOLL, Gabriela. Sistemas de Espaços Livres e População em bacia no Município do Embú . São Paulo: Dissertação de Mestrado, FAU USP, 2009

RAPOPORT, A. Aspectos Humanos de la forma Urbana. Barcelona: Gustavo Gili, 1978

READ, H. As origens da forma na arte (1965). Rio de Janeiro: Zahar, 1981, 2ª ed.

RÜSCHE, Roberto. Potencialidades para a Criação de um Sistema de Espaços públicos de Conservação e Lazer na sub-bacia do Córrego Padre Simplício, Jundiaí, SP. São Paulo: Iniciação Científica, FAU USP, 2005

SANDEVILLE JR., Euler. As sombras da floresta. Vegetação, paisagem e cultura no Brasil. Orient: Miranda Martinelli Magnoli. São Paulo: Tese de Doutorado, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 1999.

\_\_\_\_\_. Reflexão sobre o termo paisagem para o arquiteto e urbanista. In Revisão do Projeto de Pesquisa para a disciplina AUH 704 "Teoria do Conhecimento Aplicada à Arquitetura e ao Urbanismo". São Paulo: FAU SUP, 1986, mimeo (disponível em <http://espiral.net.br>)

\_\_\_\_\_. O Que Fazer Com A Universidade e o Ensino de Paisagismo Agora? . In: VI ENEPEA, UFPE, 2003, Recife: Anais do VI ENEPEA, 2003.

\_\_\_\_\_. Patrimônio paisagístico natural e construído. In Anais do I Encontro sobre Percepção e Conservação Ambiental: a Interdisciplinaridade no Estudo da Paisagem, Rio Claro, 2004.

\_\_\_\_\_. Paisagem. São Paulo: Paisagem e Ambiente n. 20, 2005, pg. 47-59.

\_\_\_\_\_. Participação e universidade, universidade e participação. In Seminário Nacional Paisagem e participação: práticas no espaço livre público. São Paulo: FAU USP, 2007c

\_\_\_\_\_. Paisagens e métodos. Algumas contribuições para elaboração de roteiros de estudo da paisagem intra-urbana. *In revista eletrônica Paisagens em Debate*, FAU. USP, v. 2, p. 1, 2004.

\_\_\_\_\_. Espiral da Sensibilidade e do Conhecimento (memorial 2003). Disponível em <http://espiral.net.br>, acesso em 01 de março de 2010.

\_\_\_\_\_. Fundamentos. In: VARGAS, Heliana C.; MIYADA, Paulo K. A.; NOBRE, Daniel; GOMES, Priscila. (Org.). Seminário Ensino Arquitetura e Urbanismo. São Paulo: FAU USP, 2007a

\_\_\_\_\_. Disciplina e Conhecimento. In: VARGAS, Heliana C.; MIYADA, Paulo K. A.; NOBRE, Daniel; GOMES, Priscila. (Org.). Seminário Ensino Arquitetura e Urbanismo. São Paulo: FAU USP, 2007b

euler sandeville jr, andrea broering, cecilia angileli . paisagem, cultura e participação social

\_\_\_\_\_. Johann Moritz Rugendas: vicência, observação e invenção de uma natureza tropical brasileira. In: Paisagens Culturais. Interfaces entre Tempo e Espaço na Construção da Paisagem Sul-Americana. Org. Carlos Terra, Rubens de Andrade. Rio de Janeiro: Escola Nacional de belas Artes publicações, 2008, v. 2, p. 199-210.

\_\_\_\_\_. Pensamentos sobre a universidade, a participação social e o ambiente humano. In Seminário de meio Ambiente da USP, 2010, inédito.

\_\_\_\_\_. Manifesto espiral. São Paulo: revista digital Cidade sem Nome, no 6. 2008. Disponível em <http://www.cidadesemnome.org.br/indice5.html> acesso em 01/05/2010.

\_\_\_\_\_; ANGILELI, Cecília Maria de Moraes Machado. Paisagem e lazer: representações da metrópole (para os brasileiros de Brasilândia). Rio Claro: Revista OLAM, 2005.

\_\_\_\_\_; Hijioaka, Akemi . Flores da cerejeira e da paineira (paisagens). Paisagem e Ambiente, v. 24, p. 201-207, 2007.

\_\_\_\_\_; VIEIRA, Rosana. A construção das paisagens dos sertões litorâneos. OLAM (Rio Claro), v. 7, p. 1, 2007.

\_\_\_\_\_; DERNTL, Maria Fernanda . Imagens de uma capital: Paris nas perspectivas vôo-de-pássaro entre os séculos XVI e XVIII. Risco (São Carlos), v. 5, p. 53-62, 2007.

\_\_\_\_\_; SUGUIMOTO, Flavia Tiemi . Ecoturismo e (Des) Educação Ambiental. Revista Brasileira de Ecoturismo, v. 3, p. 1, 2010.

\_\_\_\_\_. A natureza do ecoturismo. In: V Semitur - Seminario de Pesquisa em Turismo do Mercosul, 2008, Caxias do Sul. V Semitur - Seminario de Pesquisa em Turismo do Mercosul. Caxias do Sul : Universidade de Caxias do Sul, 2008. p. 1-12.

SANTOS, Carlos Nelson F. dos (coord) Quando a rua vira casa. Apropriação de um centro de bairro. Rio de Janeiro: IBAM, 1985, 3ª ed.

SANTOS, Milton. Espaço & Método. São Paulo: Nobel, 1985.

\_\_\_\_\_. A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção. 4ª Edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SILVEIRA, Catarina Faria Alves. Lá e aqui: estudo das práticas de transformação da paisagem em comunidades rurais da Zona da Mata Mineira . São Paulo: Dissertação de Mestrado, PROCAM USP, 2008

SOARES, Cláudia Cruz. Heliópolis: paisagem que educa . São Paulo: Dissertação de Mestrado, FAU USP, 2010

SUGUIMOTO, Flavia Tiemi. Paisagens do Médio Tietê: Formas de Uso e Apropriação de suas Águas para o Lazer . São Paulo: Dissertação de Mestrado, FAU USP, 2007

TUAN, Y.F. Espaço e Lugar. São Paulo: Difel, 1983

\_\_\_\_\_. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980

VIEIRA, Rosana. Paisagens Invisíveis: os Sertões de Ubatuba . São Paulo: Dissertação de Mestrado, FAU USP, 2008

VILLAÇA, Flavio. Espaço intra-urbano no Brasil. São Paulo: Nobel: Fapesp: Lincoln Institute, 2001, 2ª ed.